

UFV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DCM
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Mulher Criminosa na Mídia: duas reportagens em profundidade sobre as vilãs-celebridade Elize Matsunaga e Suzane von Richthofen

Victoria Barel

**Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.
Orientação: Ricardo Duarte**

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS	3
2. INTRODUÇÃO	5
1.1. Objetivo geral	6
1.1.1. Objetivo específico	7
1.2. Justificativa	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Celebridade	9
2.2 Celebridade criminosa	11
2.3 Mulher criminosa e o Jornalismo	16
2.4 A Reportagem	18
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

Agradecimentos

Quem diria que, após seis anos de graduação, sendo dois deles no meio de uma pandemia, o momento de fechar o ciclo chegaria. É bem curioso pensar o quanto uma pessoa pode mudar nesse tempo todo: se conhecer melhor, se aceitar, aprender cada dia mais e ver que todos esses momentos se unificam e tornam quem sou hoje.

E, durante esse tempo todo, várias pessoas passaram pela minha vida. Algumas vieram e foram, outras estão comigo até hoje. A todos, meu mais sincero agradecimento, pois sem cada um de vocês, minha trajetória poderia não ter me trazido até esse momento tão importante em minha vida. Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família por todo o suporte que recebi desde o momento que recebi a notícia da aprovação até hoje, momento em que estou concluindo essa etapa da minha vida. À Lara, amiga e irmã de mais de uma década que sempre esteve do meu lado, independente do momento, nunca me deixou desanimar e desistir, que sempre lutou por mim, assim como eu por ela - mesmo que a mais de 700 km de distância.

Minha gratidão também se estende a todo o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. A todos os professores, técnicos e funcionários que colaboraram para minha formação enquanto pessoa e enquanto profissional. Lembro de mim caloura, lá em 2017, meio desorientada por conta da novidade a cada piscar de olhos, sendo tão bem acolhida pela Carlinha, rindo das piadas do Filin, sempre pedindo orientação para a Priscila, e ajuda com os vários programas de edição para o Albert, Rafael e Diogo. O querido jornalista Mateus, que sempre esteve à disposição para o que fosse preciso, dando o maior suporte, empenho e dedicação em nos ajudar seja qual fosse o assunto.

Lembro da primeira aula que tive: Introdução ao Jornalismo, com o professor Ernane Rabelo, que me deu o primeiro contato com a profissão que havia escolhido, abrindo as portas para que eu começasse a embarcar dentro do jornalismo. Ernane também foi quem me acolheu durante um dos meus piores momentos da graduação, e se tornou uma das pessoas por quem desenvolvi um carinho enorme, que passa das barreiras das 4 Pilastras. À Mariana Procópio e ao Henrique Mazetti, obrigada. Lembro do abraço apertado que recebi quando estava aos prantos no meio do Departamento, por conta dos acontecimentos turbulentos do

meu segundo ano de faculdade. Hoje vejo que as aulas mais divertidas eram aquelas que eram no ritmo Katia Fraga modo turbo. Apesar de quase ficar maluca na época para conseguir dar conta de tudo, sinto falta da correria que as aulas proporcionaram. Rennan Mafra, por outro lado, me ensinou sobre a tranquilidade para levar a graduação de uma maneira mais leve e divertida. Eugene Franklin e Felipe Menicucci, professores substitutos que eu tive o prazer de ser aluna, obrigada por me fazer enxergar o mundo com outros olhos, e assim me apaixonar ainda mais pelo caminho que estava traçando. Por fim, venho aqui expressar minha eterna gratidão ao professor Ricardo Duarte, que embarcou nessa jornada ao topar ser meu orientador. Obrigada por não ter desistido de mim, mesmo quando eu mesma já não acreditava tanto assim. Ao longo de todos esses anos, nossa relação foi sendo construída de forma que todos os caminhos se juntavam nesse momento. Me sinto honrada em poder ser sua orientanda, muito obrigada.

Aos amigos que fiz ao longo da graduação, aqueles que passaram pelos mesmos altos e baixos que eu ao longo de todos esses anos. Aqui, não posso deixar de citar meu querido *Gossip Girl*, Hugo e Luiz: os melhores amigos que eu poderia ter em Viçosa e que, mesmo com períodos de mais proximidade e outros, nem tanto assim, sempre foram meu porto seguro. Isabella, Júlia, Bruno, Beatriz, obrigada por compartilharem momentos inesquecíveis ao meu lado. Sou eternamente grata por ter conhecido cada um de vocês e ter tido a oportunidade de chamá-los de amigos.

Por fim, gostaria de deixar um espaço especial para alguém que esteve comigo durante todo o processo de construção desse TCC. Alguém que apareceu repentinamente e, de repente, já se tornou minha maior companheira e amiga. Sempre ao meu lado e nunca deixando de acreditar em mim, é uma das pessoas que mais me apoiaram (se não a que mais me apoiou) nesse período todo. Stela, a quem hoje chamo de namorada, obrigada por todos os memes do Twitter, pelas conversas, pelos puxões de orelha e, principalmente, por nunca ter soltado a minha mão. Se tudo o que vivi contribuiu para que chegasse até aqui, com certeza você protagoniza os momentos mais especiais.

Com os devidos agradecimentos prestados, vamos ao que interessa. Espero que gostem deste memorial e das reportagens. Tudo foi fruto de muito gosto pelo tema e amor pela Comunicação.

1. Introdução

Massacre de Carandiru. O Maníaco do Parque. Caso Eliza Samudio, Eloá Pimentel, Ônibus 174, Chacina na Candelária. Esses são só alguns dos crimes que mais chocaram o Brasil, vivendo até hoje no imaginário das pessoas, e que ainda ganham repercussão, dado o tamanho do impacto.

Entretanto, nesta reportagem, serão analisados outros dois que não estão nessa lista, e que compartilham entre si algumas semelhanças pertinentes. Para começar, a principal delas é: ambos foram cometidos por mulheres. Falaremos sobre os casos de Suzane von Richthofen (2002) e Elize Matsunaga (2012).

Dez anos separam cada um, e a maneira como Suzane e Elize foram (e são) mostradas ainda reflete muito em um discurso patriarcal, que questiona e impõe o papel da mulher na sociedade, além de reafirmar estereótipos de gênero que sobreviveram ao passar dos anos. Mas, para entender melhor o contexto em que cada história acontece, voltemos às primeiras décadas do século XXI.

Em 2002, Daniel Cravinhos e Cristian Cravinhos assassinaram o engenheiro Manfred e a psiquiatra Marísia a mando da própria filha do casal, Suzane von Richthofen. A motivação do crime seria porque os pais da garota eram contra o relacionamento dela com Daniel. Após o julgamento, o casal foi condenado a 39 anos de prisão, e Cristian Cravinhos, a 38 anos. As páginas dos jornais explodiram em busca da necessidade de transmitir todos os detalhes do caso para o público, que não demorou muito para se revoltar e ficar comovido pelo assassinato. “Universitária confessa que planejou a morte dos pais”¹, “Suzane von Richthofen: como ela pôde acontecer?”², “Barbárie em família”³, são algumas das manchetes que prometiam contar detalhes do crime que chocou o país. Ainda hoje, 20 anos após a morte dos pais, Suzane continua tendo destaque nos jornais, principalmente com as “sadinhas” da prisão no Dia das Mães e no Dia dos Pais.

Anos depois, em 2012, o Brasil pararia mais uma vez para acompanhar

¹ Confira: Diário do Nordeste, 2002. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/universitaria-confessa-que-planejou-a-morte-dos-pais-1.289782>

² Confira: Super Interessante, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/suzane-von-richthofen-como-ela-pode/>

³ Confira: Jornal Extraclasse, 2002. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/cultura/2002/12/barbarie-em-familia/>

outra barbárie cujo destaque só crescia nas editorias policiais. O que parecia ser um sequestro no meio da compra milionária de uma das maiores empresas do país, se revelou como a morte e esquartejamento de Carlos Matsunaga pela própria esposa, Elize Matsunaga. Os tablóides de notícia, então, ressuscitaram o passado da criminosa, usando diferentes momentos de sua vida para alimentar a personagem que estavam criando com manchetes como: “Viúva de Matsunaga era ex-garota de programa”⁴, “Elize era ‘loirinha carinhosa’ em site de acompanhantes”⁵ e “Elize, 30 anos. Loira... jovem... bonita...”⁶. Em 2022, ela ainda tem os holofotes voltados para si após entrar em regime de liberdade condicional. Entre os internautas, as opiniões divergem muito, e muitos dizem que essa decisão judicial está certa. Em partes.

A principal problemática a ser abordada na construção desta reportagem é a que permeia os discursos narrativos que contam as histórias de Suzane von Richthofen e Elize Matsunaga. Para além de suas histórias, como os crimes que as tornaram famosas foram - e continuam sendo - retratados pela grande mídia, e o impacto disso na vida de cada uma, em seus respectivos julgamentos e na forma como a sociedade as enxerga.

Por exemplo, a reafirmação de papéis e lugares nos quais mulheres foram e ainda são postas, e como eles se contrapõem com a inevitável realidade são temas que podem ser abordados nos casos citados anteriormente.

A partir da exposição das histórias de cada personagem e o que as levou ao ato dos respectivos crimes, será observado como cada caso é retratado. Começando pela escolha de palavras, passaremos pelas imagens escolhidas para ilustrar cada uma e chegaremos à análise da transmissão e recepção daquelas informações.

1.1 Objetivos gerais

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende realizar uma

⁴ Confira: Jornal Cidade Verde, 2012. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/104575/viuvade-matsunaga-era-ex-garota-de-programa>

⁵ Confira: Agora São Paulo, 2012. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/saopaulo/ult10103u1103904.shtml>

⁶ Confira: Reportagem do SBT Repórter, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uBcSZcu6U50&t=67s>

reportagem em profundidade a respeito da forma como crimes cometidos por mulheres são retratados na grande mídia. Para isso, há a necessidade de passar por embasamentos teóricos a respeito da Comunicação enquanto área de conhecimento e sua relação com o feminismo, papéis de gênero, jornalismo policial, mídia, conceitos sobre celebridade e celebridade criminal. Tudo isso observando como essas notícias afetam a opinião pública e quais os impactos elas causam para seus receptores.

A ideia é entrevistar especialistas e pesquisar fontes documentais que mostrem como esses conceitos se entrelaçam numa simples manchete de jornal, e entender como eles conseguem construir e disseminar um imaginário sobre os crimes, além de perpetuar questões que já estão enraizadas na vida cotidiana, principalmente aquelas que dizem respeito ao papel da mulher na sociedade.

1.2 Objetivos específicos

Iremos analisar fontes documentais, como reportagens em diferentes jornais, que mostrem a construção das personagens em questão, além de observar como essas notícias podem impactar a opinião pública a respeito de cada caso.

As pesquisas para a produção estarão dispostas no formato de duas reportagens: uma que falará sobre o caso de Suzane von Richthofen, e outra que falará sobre Elize Matsunaga.

Por questões de tempo para a confecção deste TCC e acesso ao Presídio de Viçosa, não conseguimos entrevistas fontes-testemunhais com mulheres privadas de liberdade para saber delas as impressões sobre a história dessas duas vilãs-celebridade.

1.3 Justificativa

Uma orquestra precisa de um maestro para guiar o ritmo e o tom da melodia, alguém que esteja à frente para coordenar e desenvolver cada músico para que, juntos, formem um espetáculo para quem assiste. Pensar na estrutura de um crime é como pensar numa orquestra. Para ser bem-sucedido, é preciso que seja bem coordenado. Os inúmeros vieses que estão por trás do grande ato são as bases para que tudo saia conforme a música. E existe um certo fascínio, uma

certa sedução quando o enxergamos assim.

Entretanto, antes de tudo, não podemos deixar de lado a realidade. Quando um crime é cometido, é necessário entrar na mente do criminoso para entender as causas e os motivos que o levaram a agir daquele jeito, para, assim, ser feito um julgamento justo, e que as consequências sejam condizentes com sua atitude.

As razões pelas quais este TCC foi desenvolvido colocam lado a lado um gosto pessoal e também a necessidade de estudar sobre o tema aqui tratado. Não podemos enxergar cada caso isoladamente, sem acoplar elementos que fazem parte de construções sociais e que estão presentes em diversos aspectos do cotidiano.

O que levou Suzane von Richthofen e Elize Matsunaga a cometerem os crimes que as levaram para o cárcere? Entenderemos desde como a mulher, enquanto indivíduo, carrega estereótipos e expectativas que, quando quebradas, geram uma grande comoção e alvoroço geral e, a partir disso, analisaremos como suas histórias foram contadas e repercutidas. Aqui, o objetivo é entender qual o papel do Jornalismo na construção e disseminação de crimes cometidos por mulheres, além de entender como isso impacta diretamente as acusadas e também a opinião pública.

Para realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso, foi necessário um grande aparato teórico para que as discussões fossem trazidas de forma mais clara. Inicialmente, tentei desmembrar o assunto em tópicos que fossem relevantes para explicar as intenções nas falas expostas. Com os temas prontos, foi preciso estruturar como ficaria o presente memorial e ir em busca dos autores que seriam a base de todo o trabalho. Após inúmeras leituras, reescritas e alterações, a parte teórica foi finalizada.

Faltava, então, produzir o produto que seria o resultado de todo esse esforço. Após escolher qual o material bibliográfico das minhas personagens eu usaria como base para contar suas histórias, chegou a hora de buscar fontes que pudessem enriquecer o livro. A primeira foi uma psicóloga da área da Psicologia Criminal, e a segunda é uma estudiosa do assunto, especialista, e é, inclusive, um dos principais pilares do Referencial Teórico. Ambos comentaram sobre cada caso dentro de sua especialidade. O próximo passo foi escolher quais manchetes

seriam analisadas com o propósito de identificar algum tipo de estereótipo e/ou banalização dos crimes cometidos. Com tudo isso em mãos, parti para a montagem do livro, diagramação e detalhes finais.

2. Referencial teórico

2.1 A Celebridade

Para entender o conceito de celebridade criminosa e, posteriormente, o que é a chamada vilã-celebridade, primeiro devemos saber o conceito de celebridade: o que é isso? Baseando-se nos conceitos de Vera França (2019), podemos entender que, desde os primórdios da humanidade, existem pessoas e acontecimentos que são celebrados e comemorados. Braudy (2007, p.182) reitera como o desejo do reconhecimento faz parte da natureza humana, principalmente dentro de uma comunidade. Desde os tempos antigos até a era Contemporânea, há uma espécie de culto a determinadas pessoas, seja lá qual for o motivo.

Com os avanços da indústria e da tecnologia, novas formas de alcançar essa fama foram surgindo. O conceito de celebridade como entendemos hoje, e de acordo com Marshall (1997), vem do cinema hollywoodiano que, com suas grandes atrizes e atores que construíam uma “aura” ao seu redor, foram criando uma sensação de proximidade com o público que, por sua vez, se via mais interessado na vida pessoal dos artistas.

Hoje, as redes sociais tem o poder de dar visibilidade para qualquer pessoa, seja ela alguém do meio político, artístico, ou até mesmo um “anônimo” que viralizou e popularizou nas redes. Alice Marwick (2015) define esse tipo de fama atribuída ao que ela chama de microcelebridades, ou seja, indivíduos comuns que se elevaram à condição de celebridade a partir de si mesmos nos ambientes virtuais. Esse conceito casa com o que Rojek (2008) diz, quando identifica que essa relação com o público os tornam famosos apenas pelo fato de existirem, são pessoas conhecidas apenas por serem bem conhecidas (BOORSTIN, 2006).

Boorstin (1992) usa o termo *pseudoacontecimento* para se referir aos cenários que surgem por conta da emergência da indústria cultural. Logo, quando se

pensa no conceito de celebridade, deixamos de lado o conceito de Boorstin e passamos a entender sendo

peçoas que – por razões diferenciadas – se tornam amplamente conhecidas e, para além disso, admiradas (ou detestadas), provocam sentimentos de adesão e/ou repulsa, são tomadas como modelos (ou contra-modelos), suscitam formas distintas de celebração. Usamos o termo praticamente como sinônimo de “famosos”, “peçoas públicas de referência”, destacando três sentidos enfeixados pelo conceito: conhecimento, reconhecimento, culto. (SIMÕES, FRANÇA, 2019, p. 4)

É fato que as celebridades só surgem a partir de algum acontecimento, provocado, de maneira mais ou menos proposital, por elas mesmas. (LANA, SIMÕES, 2012). Inclusive, a depender das circunstâncias em que estão inseridas, podem ser consideradas *como* acontecimentos (SIMÕES, 2012).

Tais acontecimentos são marcantes, pois surgem inesperadamente nos meios, interferindo assim nos indivíduos que o presenciam. O acontecimento dura o suficiente para dar uma reviravolta no que antes era calmo, pacífico. Ele pode revelar, mudar, ou intrigar situações de forma que só seria possível a ele (QUÉRÉ, 1991). “Ou seja, o acontecimento suscita sentidos, provoca falas, abre perspectivas inesperadas que colaboram na compreensão do contexto social mais amplo em que ele emerge.” (FRANÇA, 2019, p. 8)

Podemos analisar o conceito de celebridade através da ótica comunicacional, para se entender como o indivíduo-celebridade consegue desempenhar seu papel para com seus seguidores, apoiadores, celebrantes. Para isso, podemos citar Ervin Goffman, que discorre sobre o tema em “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. (GOFFMAN, 2003). Ou seja, as percepções de quem observa o indivíduo naquele papel partirão do princípio que aquilo é o que parece ser. Porém, outro ponto de vista é que o ator pode estar certo que aquele papel é, de fato, a realidade, e estar completamente imerso nessas percepções.

Viver em sociedade significa conviver com diversas peçoas que possuem, cada uma, inúmeras vivências e percepções de mundo diferente. Claro que, dentro da sua individualidade, existem características que gostamos de enfatizar ou esconder dos outros. Cada indivíduo é munido de máscaras, usadas de acordo com seu desejo e circunstância. Park (1950) diz que

não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros: é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos - o papel que nos esforçamos por chegar a viver - esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo com indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas. (GOFFMAN, 2003, p. 7)

Entretanto, quando o ator, consciente ou não, modula o que quer, para quem quer e quando quer representar, podemos assumir que está usando uma fachada. O termo é usado justamente para referenciar esse desempenho do indivíduo, cujo objetivo é definir aspectos das situações para aqueles que a observam.

Ao observarmos o nosso ator, ou a nossa celebridade, e sua ascensão, podemos entender quais são os valores da sociedade na qual ela está inserida. Isso pode se dar ao se “investir na celebridade” - um processo de valorização do indivíduo que o levará ao patamar de celebridade, ou por meio de um conjunto de ideias e valores que aquela sociedade valoriza, e o indivíduo representa, é.

Nathalie Heinich (2017) fala sobre três maneiras de se atribuir valor, sendo elas: a medida, o apego e o julgamento. O primeiro diz respeito, como o nome já diz, ao valor de algo, sua medida. Receber um Oscar tem um peso, um valor muito maior, do que se comparado a outras premiações do mundo do cinema, por exemplo. O segundo é reforçado pelas relações afetivas, baseadas numa relação profunda, íntima com o objeto ou pessoa em questão. Isso explica fãs que fazem mutirões, se amontoam em filas e dispõem de muita energia para com seu ídolo. E o julgamento é uma opinião expressada por palavras, baseada em critérios, argumentos e motivações.

2.2 A celebridade criminosa

Agora que os conceitos de celebridade estão esclarecidos, podemos adentrar no que diz respeito à celebridade criminosa - aqueles que obtiveram a fama de uma maneira negativa (MARGOLIS, 1977. p. 207).

A sua construção se dá, em muito, por conta da repercussão da mídia sobre ele, o que faz com que o público se envolva com o personagem retratado e o

transforme, assim, numa celebridade. Ivânia Valim (2021, p. 4) explica muito bem os conceitos de Margolis (1977):

a possibilidade que se abre aos anônimos, aos sujeitos que compõem a grande multidão dos “sem-rosto”, de viver uma outra vida a partir da trajetória das celebridades. Seria o caso de uma transgressão simbólica que, em termos legais, não se desvia dos parâmetros da honestidade, do bom caráter, da obediência às leis e às convenções, mas, justamente por isso, torna-se poderosa, no sentido da atração e do fascínio públicos, por meio dos sujeitos que, de fato, são transgressores e inconsequentes. (SUSIN, 2021, pg. 4)

Ela também enfatiza como o trabalho da mídia acaba por ofuscar as diferenças entre um bandido e uma celebridade do cinema, da música, de uma liderança popular, por exemplo, e como isso acaba afetando a memória social em torno dos crimes.

Vale destacar que, para Rojek, o termo “celebridade criminosa” deve ser sempre associado à notoriedade, já que “notoriedade é um ramo secundário da cultura da celebridade e, comprovadamente, cada vez mais importante.” (ROJEK, 2008, p. 12).

Antes, casos policiais eram midiaticizados de forma muito mais escancarada. Desde os anos 90, os jornais mudaram a forma como passavam a notícia para seu público, deixando de lado velhas práticas, como a necessidade do “boneco” (ou a foto do corpo da vítima), a troca de favores com as fontes policiais e, dessa forma, causando o enfraquecimento de matérias sensacionalistas. Silvia Ramos e Anabela Paiva trazem o depoimento de Ernesto Luarindo Silva, onde ele reflete que

A abordagem dos assuntos mudou muito. Hoje a ordem para os jovens jornalistas que chegam à redação é ‘esqueçam o cadáver’... mostrem o que está em volta do cadáver, isso é que é importante atualmente. Essa é uma mudança violenta. Nos anos 50, e isso foi assim durante muito tempo, era proibido voltar para a redação sem o ‘boneco’. O boneco da vítima, a foto. Se voltasse sem o boneco, era melhor não voltar. Se não tivesse a foto do rosto do morto, tinha que ter a imaginação para pegar a foto com a família, do álbum de casamento, da parede da casa, de onde fosse. E às vezes tinha que mentir, dizer para a família que isso ia ajudar na investigação. (RAMOS, PAIVA, 2008, p. 32)

Porém, as páginas de notícias hoje são, em muitos casos, usadas como base para um jornalismo sensacionalista, em que há a espetacularização e o aumento daquela notícia. O sensacionalismo é um exagero na divulgação de uma matéria, muitas vezes apelando para a emoção ou para o escândalo. É transformar

num espetáculo o que, para outros meios de comunicação, não teria tanta relevância, como hábitos exóticos, atitudes chocantes, etc. A mídia que segue essa linha é marcada por expor a desgraça alheia, revelar bandidos e apontar erros, tudo em troca de audiência. Pinto (2004), diz que os jornais sensacionalistas focam em assuntos relacionados a crimes, acidentes, famosos, e, apesar de serem desnecessários, são trabalhados à exaustão, colocando em risco não só aquela informação, mas também o alimentar de pulsões⁷ mais elementares e da morbidez.

A mídia é onipresente: uma poderosa ferramenta para difundir e/ou reafirmar crenças enraizadas que são constantemente estimuladas pelo consumo. Baudrillard (1995) vai afirmar que a importância dos objetos, cada vez mais valorizada, acaba por basear as relações entre eles e os sujeitos. Sarlo define esses objetos como sendo “uma âncora paradoxal, já que ela mesma deve mudar o tempo todo, oxidar-se e destruir-se, entrar em obsolescência no próprio dia de sua estreia” (SARLO, 1997, p. 30). Sendo assim, os discursos construídos por ela fazem parte do cotidiano público e particular de uma sociedade, além de permear toda uma cultura de consumo. Já que “na TV, tudo é para todos” (POSTMAN, 1999, p.93), esses discursos preenchem as experiências sociais, fomentando um comportamento geral, independentemente das crenças pessoais de cada um.

Mesmo onde os princípios do Jornalismo são respeitados, ainda existe certa movimentação em torno de uma dualidade entre o bem e o mal, causando no espectador grande comoção com a história contada. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, desenvolvido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), tem como princípios, entre outros:

II – Da conduta profissional do jornalista

Art. 6º – O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública, subordinado ao presente Código de Ética.

Art. 7º – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

9º – É dever do jornalista:

a) Divulgar todos os fatos que sejam de interesse público.

⁷Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética) que faz o indivíduo tender para um objetivo. (Laplanche e Pontalis – Vocabulário de Psicanálise – pg. 394)

Art. 14. O jornalista deve: a) Ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas. b) Tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar.

Art. 15 – O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.

Art. 16. O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos político, econômico e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias. (FENAJ, 2007)

Apesar disso, por vezes essa movimentação fica cada vez mais intrigante, com novos desdobramentos, avanços nas investigações e chegando até o julgamento do réu. E é claro que, em todo esse processo, há a constante presença de imagens usadas para ilustrar o caso e aproximar o leitor daquela notícia, lembrando Marshall (1997), fazendo o público se interessar ainda mais pela vida pessoal do criminoso.

A criminologia cultural, surge a relação intrínseca do uso de imagens visuais com o espetáculo do crime, tanto pela construção social de sujeitos criminosos (FINN, 2009), reforçando estereótipos em boa parte das ocorrências, quanto pelo filtro ao ato de olhar, que a câmera fotográfica estabeleceu no âmbito jurídico (BIBER, 2007) ou nas colunas policiais. A realidade social está impregnada de imagens de criminalidade (HAYWARD, 2010), coadunando uma releitura da prática punitiva (CARNEY, 2010), agora no domínio da visualidade, e estabelecendo uma nova dimensão para a circulação de uma fotografia, antes restrita ao arquivo da polícia. (SUSIN, 2021, p. 3)

Ivânia discorre sobre os conceitos de Ruth Penfold-Mounce (2009), que trazem a discussão a respeito do espetáculo do crime. Mais do que famosos, os bandidos se tornam celebridades que descumprem a lei. Aqui, vale ressaltar novamente o papel da mídia. A chamada “cultura da celebridade” descrita por Penfold-Mounce (2009, p.20) é endossada por uma conexão direta entre público e o criminoso, sendo a mídia o canal que constrói essa relação. Ruth também cita o que chama de “voyeurismo da criminalidade”, que diz respeito a essa sedução entre os que vivem nos limites da lei e os que estão fora deles. O tal do “amor bandido”, um constante flerte para conhecer mais sobre aquela figura criminosa.

O crime abre um leque de possibilidades que vão além do que as normas sociais permitem, e essa fascinação com o que é “proibido” faz com que seus protagonistas se tornem celebridades. Nota-se que esse fascínio diz respeito ao envolvimento com a história apresentada. A empatia ou aversão em relação a ela se darão de acordo com cada pessoa, e com a forma como ela está recebendo aquela informação, já que “o espectador, ainda, não seria apenas quem olha para as imagens, mas quem as compreende, ressignifica e recontextualiza a partir do que lhe informa o olhar previamente.” (SUSIN, 2021, p. 13)

Podemos entender um pouco do papel comunicacional com o texto de Louis Quéré: “*D’un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxeologique*”, através do olhar de Vera França. O paradigma informacional é aquele que marca a comunicação como um processo de transmissão de informação, através de sua linearidade, funcionalidade e busca por eficácia. Quéré analisa diferentes pontos de vista em relação a esse paradigma e propõe uma nova percepção sobre o mesmo, propõe um novo tipo de paradigma comunicacional.

O autor propõe certas diferenciações para os dois modelos, e França os dispõe em alguns tópicos. Porém, para uma melhor compreensão do presente texto, proponho analisarmos o que é dito sobre o papel da comunicação:

O modelo informacional (ou epistemológico, na nomenclatura de Quéré) atribui à comunicação um papel instrumental e transmissivo: os sujeitos, as intenções e sobretudo os conteúdos, sob a forma de mensagens, então dados; as representações ganham uma objetividade ou positividade prévia e autônoma, e a comunicação refere-se ao momento de seu transporte - sendo que ela é bem sucedida quando consegue reproduzir representações similares no receptor. De forma bem distinta, no modelo praxiológico a comunicação cumpre um papel de constituição e de organização - dos sujeitos, da subjetividade e da intersubjetividade, da objetividade do mundo comum e partilhado. (FRANÇA, 2003, p. 4)

Ou seja, a capacidade de se comunicar efetivamente vem da forma como a mensagem é transmitida e recebida. A comunicação é eficaz a partir do momento que o receptor consegue reproduzir as representações intencionadas originalmente na mensagem. Além disso, podemos também analisar o papel da linguagem quando dizemos que o

modelo epistemológico adotaria uma concepção representativista da linguagem, ou seja, uma linguagem que pretende dizer o mundo e, na sua construção, substituí-lo. Tal perspectiva promove uma distinção e uma separação: de um lado um mundo pré-definido, de outro, as ideias ou “representações” desse mundo (representações

que são transportadas ou trocadas no espaço do processo comunicativo). Essa concepção dualista da linguagem se traduz numa concepção indicial da comunicação: os indivíduos produzem e interpretam índices; a recepção da comunicação consiste em inferir as intenções e informações transmitidas. (FRANÇA, 2003, p. 5)

Não se pode negar o papel da imprensa na formação e concretização das personagens das narrativas contadas, sejam eles para o “bem” ou para o “mal”. As repetições dos casos e a contínua exposição dos indivíduos fazem com que seja criado um imaginário que perdurará por muito tempo, além de criar todo esse envolvimento com os sujeitos, como já foi mencionado. Assim nasce uma celebridade criminosa: não necessariamente somente pelo seu feito, mas também com toda a repercussão e “divulgação” do mesmo. Aqui, não se pode deixar de enfatizar que a imprensa não é a única responsável por essa formação. O público tem o poder de julgar e disseminar aquela informação da forma que melhor for conveniente, e isso inclui consumir mais ou menos de determinado material.

Isso nada mais é do que uma espetacularização do crime. O público anseia por novas atualizações dos casos e de suas celebridades, de forma que

O espetáculo manteve relação com a compreensão do fenômeno da celebridade, e quase se confundiu com ele conceitualmente, uma vez que os espectadores foram compreendidos pelo viés da passividade diante do efeito de ilusão das celebridades, tentando apenas imitá-las e viver a vida delas indiretamente, por meio do consumo de produtos impressos e audiovisuais. (SUSIN, 2021, p.15)

Ao pensar em figuras famosas, imagens vêm à nossa mente, já que esses dois fatores estão correlacionados. De uma forma ou de outra, a mídia é a principal responsável pela criação das celebridades, já que constantemente mostrará seus rostos e criará esses laços de afinidade entre a figura célebre e o público. Quando falamos de celebridades criminosas, temos que adicionar a exposição do crime cometido, e o fascínio que levam alguém a agir fora dos limites das leis.

2.3 A mulher criminosa e o Jornalismo

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias do Departamento Penitenciário Nacional, de julho a dezembro de 2021 foram

registradas um total de 31.308 mulheres encarceradas, correspondendo à 4,62% dos presidiários do Brasil⁸.

Fayet Jr. (2018), numa referência à pesquisa de Deborah Schurman-Kaufin, mostra que abandonos, abusos e instabilidades são características comuns no passado de mulheres criminosas. Além disso, diz que:

Vindo de lares quebrados e muitas vezes abusadas ou abandonadas pelos próprios pais, ou outros familiares (Harrison et al, 2015), não é surpresa que tais mulheres cresçam para se tornarem desequilibradas mentalmente e desajustadas socialmente. As doenças que acometem estas mulheres, como a Síndrome de Munchausen⁹, podem ter se desenvolvido em decorrência de tais ambientes familiares notadamente inadequados. (QUEVEDO, 2008, p. 5)

Quando uma mulher é a protagonista de algum crime já é motivo para causar alvoroço, ainda mais quando esse delito é seguido de comoção a nível nacional. Mostrar dois dos maiores casos dessas infrações é exemplificar de maneira clara a forma como o jornalismo consegue ditar e manipular histórias e opiniões, e como ele é responsável por criar no imaginário social papéis de acordo com a história e o contexto narrado,

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligência elementos específicos dos cenários públicos. (WOLF, 2005 *apud* PIMENTEL, 2009, p. 7)

Isso acontece por conta da necessidade de justificar os motivos que levariam mulheres vistas como frágeis, dóceis e passivas, a cometer tal infração. E a forma como essa história será contada é crucial para como o público a receberá. O jornalismo entra como principal meio de narrar o acontecido, e consequentemente, moldar a maneira como aquilo será visto.

Ao dar visibilidade para o aumento e participação de mulheres no crime, por exemplo, as matérias jornalísticas põem em pauta o questionamento de modelos padrões de feminilidade que colocam as mulheres como benfeitoras, pueris e indefesas. Assim, pressupõe-se que “verdadeiros” códigos hétero-normativos se

⁸ Departamento Penitenciário Nacional, 2021. Confira: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMjY2MzUzMWwMmZmJkOS00YjhhLWFmMGEtZGVmODM4YTE0MjI3IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

⁹ Também conhecido como transtorno factício, é um transtorno psicológico onde a pessoa simula ou forma o aparecimento de doenças.

abalam quando se deparados com esses casos. “Há cinco anos à frente do Talavera Bruce¹⁰, o diretor Luís André Azevedo se impressiona com o crescimento do número de mulheres que fazem do tráfico a sua opção de vida. Estamos chegando a um ponto em que não vai haver mais vagas no sistema penal para mulheres” (GUIMARÃES; AULER, 2007, p. 26).

Mulheres no crime devem ser entendidas como prova de que noções de gênero e sexualidade podem e devem ser questionadas, visto que não há relação direta entre esses pontos.

Por isso, frente a um momento onde informações, imagens, conteúdos, áudios, chegam de maneira quase que instantânea, é necessário que o que não se enquadra em um modelo padrão seja visto e analisado.

2.4 A reportagem

O produto resultante do presente Trabalho de Conclusão de Curso é um livro-reportagem que conta as histórias de Elize Matsunaga e Suzane von Richthofen, usando como fontes documentais as matérias jornalísticas de forma a representar como cada uma foi retratada pela mídia, bem como a presença de fontes-especialistas.

Mas até chegar nessas reportagens, é preciso entender o que é, de fato, uma grande reportagem; quais são suas características principais e o que torna um texto jornalístico em uma reportagem propriamente dita. E, antes disso, é preciso saber um pouco melhor sobre o tabloide, uma das formas de jornalismo que mais se valem da emoção para atingirem seus objetivos. Os tabloides são conhecidos por serem sensacionalistas, e por levarem conteúdos que expõem, difamam e aumentam acontecimentos da vida de alguém.

A forma como cada texto é construído, a maneira como as informações vão sendo dispostas dentro dele acabam por ditar qual será seu gênero. Partindo disso, Swales (1990, p. 58) define gênero como sendo um conjunto de elementos que conversam entre si dentro de uma comunidade discursiva a fim de alcançar determinadas metas comunicacionais. Já a tarefa, para o autor, são as várias atividades distintas que se relacionam com o propósito de alcançar propósitos comunicativos.

¹⁰ Instituto Criminal Talavera Bruce, localizado no Bangú, Rio de Janeiro.

A comunidade discursiva, o gênero e a tarefa serão unidos pelo propósito comunicativo, que orienta os movimentos da linguagem da comunidade discursiva e define como o gênero será identificado, já que será o principal determinante da tarefa.

Adentrando no jornalismo, Melo (1985), afirma que quem sistematizou os gêneros no jornalismo brasileiro foi Beltrão, e o utiliza para classificar os gêneros do jornalismo a partir de dois critérios. O primeiro é a intencionalidade, que se divide na reprodução e na leitura do real. A reprodução do real nada mais é do que a descrição dos fatos às instituições jornalísticas. Já a leitura do real faz uma análise da realidade, saciando a necessidade de informação por parte do público, e como isso estimula o jornalismo a se debruçar cada vez mais sobre a informação e a opinião. A partir disso, surge o jornalismo informativo e o opinativo.

O segundo critério que o autor se baseia é toda a estrutura dos relatos observável nos processos jornalísticos: “a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura).” (MELO, 1985, p. 64)

Nascem, assim, os gêneros agrupados nas categorias informativa e opinativa. No que tange a informação, a expressão vem da “eclosão e evolução dos acontecimentos” e a relação entre os jornalistas e os protagonistas. Já no opinativo, a estrutura é determinada pela instituição jornalística. Os gêneros para categoria, então, são: no Jornalismo opinativo: Artigo; Crônica; Editorial; Resenha; Caricatura; Comentário; Coluna e Carta. No Jornalismo informativo: Entrevista; Notícia; Nota e Reportagem.

E é com esse último que trabalharemos. A reportagem pode ser entendida como um gênero autônomo e como uma notícia ampliada, segundo Bahia (1990) e Melo (1985). Segundo o primeiro, toda reportagem é uma notícia, mas nem toda uma notícia é uma reportagem. Ou seja, uma notícia torna-se uma reportagem quando a mesma evolui para esta categoria. A reportagem tem regras próprias. É uma notícia - mas não qualquer uma; ela não se limita a uma notícia, e deve explorar todas as angulações de um acontecimento. A reportagem não deve tomar partido ao expor as circunstâncias. A diferença entre notícia e reportagem é que a segunda deve ir além da notificação, e busca detalhar, questionar e interpretar o acontecimento, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética (BAHIA, 1999).

O autor divide a reportagem em 1) título: sobre o que se trata a reportagem; 2) lead, ou cabeça: o que?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê?; e 3) texto: o desenvolvimento da narrativa.

A reportagem pode ser construída baseado-se em modelos de pirâmide 1) normal, que se inicia no lead, parte para o desenvolvimento e termina com um clímax; 2) invertida, que começa no clímax, passa para o desenvolvimento e termina com uma conclusão; ou 3) circular, onde o começo e o final conversam entre si, ambos trazendo o clímax a tona.

Responder ao lead não é a chave para o sucesso da reportagem. É preciso trabalhar, também, com a veracidade e fidelidade aos fatos para que o público se mantenha interessado (BAHIA, 1990).

Já Lage (1979) afirma que a reportagem pode ser a complementação de uma notícia a partir de fatos que não foram noticiados, mas que sejam do interesse público da mesma forma. O autor divide o gênero em 1) investigativo, onde o ponto de partida é um fato em específico, e este vai levando a outros; 2) interpretativo, onde o fato em si é observado sob uma ótica de uma determinada ciência (normalmente econômicas e sociológicas); e 3) literário, que aplica técnicas literárias na construção dos textos e dos fatos narrados e tem em vista compreender a essência do fenômeno. Para ele, a oportunidade jornalística é o pontapé inicial para a produção da reportagem.

Para fechar, vale trazer Coimbra em “O texto da reportagem impressa” (1993) que não traz a reportagem como gênero, e sim como um compilado de sequências, cujo modelo de texto baseia-se na dissertação, narração e descrição. No primeiro modelo, o texto tem caráter mais explicativo, onde informações generalizadas são seguidas de fundamentações. A reportagem narrativa, no entanto, o texto é organizado de forma a mostrar mudanças no estado de coisas e pessoas com o passar do tempo, numa relação de anterioridade e posteridade. Aqui, o autor cria as reportagens narrativo-dissertativas, onde o texto é majoritariamente narrativo com alguns trechos dissertativos, e dissertativos-narrativos, que, ao contrário do outro, apresenta um texto predominantemente dissertativo com trechos narrativos. Por fim, a reportagem descritiva não trabalha com a passagem de tempo, como na narrativa, e tem como característica fundamental o detalhamento do momento em questão.

A grande estrela resultante desse Trabalho de Conclusão de Curso será um livro-reportagem, e, para entender melhor sobre esse produto, é preciso conhecer um pouco mais de seus conceitos.

Desde século XVI, com o surgimento da prensa, o então livro noticioso passou a ser entendido como um “fenômeno pré-jornalístico” (SOUSA, 2008, p.73), num momento onde as fronteiras entre o jornalismo e a História ainda não eram bem definidas. Séculos depois, Wolf fala que a ideia do que chamamos de *New Journalism* era de “fornecer a descrição objectiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLF, 1975, p. 35), enquanto Wolfe o define como sendo “a descoberta que mostrava ser possível descrever um jornalismo que pudesse ser lido” (WOLFE, 1975, p.22). Sendo assim, é possível definir o livro-reportagem como sendo uma obra sobre fenômenos e/ou acontecimentos reais que se utiliza de métodos jornalísticos e literários para sua produção.

Fontcuberta (1999) mostra cinco características que constituem o jornalismo tradicional, sendo elas o 1) interesse público; a 2) periodicidade; a 3) novidade; a 4) atualidade; e a 5) veracidade, sendo, para a pesquisadora (FONTCUBERTA, 1990), o acontecimento, a atualidade e o períodos as mais visíveis diante das constantes mudanças da produção jornalística. O acontecimento, no entanto, é o elo em comum para jornalistas, sociólogos e historiadores. O primeiro grupo busca observar o acontecimento a partir de um ponto inicial, muitas vezes entendido como acidente, mas que possuem um potencial para balancear uma estrutura e provocar rupturas dentro de um determinado tempo-espço (RODRIGUES, 1993). O historiador e o jornalista compartilham os acontecimentos do passado e do presente, e esses acontecimentos, atrelados à atualidade, fazem com que a produção do acontecimento esteja ligada em boa medida à produção noticiosa da mídia (NORA, 1979, p. 244). “No entanto, o acontecimento não tem o mesmo sentido para o historiador e para o jornalista, pois os seus pontos de vista diferem: o primeiro busca uma série de fatos, enquanto segundo espera encontrar o fato único” (FONTCUBERTA, 1999, p. 15). Sendo assim, o livro-reportagem se encontra no centro desses dois universos, sendo mais amplo para o jornalista e menos abrangente para o historiador.

O livro-reportagem possui características próprias que transitam entre diferentes gêneros (investigativo, interpretativo e literário), ao mesmo tempo que se difere de outros formatos jornalísticos, como a nota, a reportagem e a notícia. Essa liberdade permite que o livro-reportagem flerte com o gênero literário, fugindo do *hard news* e podendo ter uma autonomia maior. Normalmente, o gênero mais presente é o investigativo, já que seu papel é dar luz a assuntos que são de interesse público e que, normalmente, são ocultados. Reyes diz que

Esta obra concebe o jornalismo investigativo como uma disciplina que requer mais tempo, dedicação e profundidade que o trabalho de relatar notícias sob pressão do fechamento. As reportagens investigativas geralmente aludem a um tema controverso que alguém deseja manter oculto. (REYES, 1998, pág. 6)

No gênero interpretativo, é preciso dar ao leitor uma gama maior de informações. Alberto Dias, um dos maiores jornalistas brasileiros, une os dois gêneros já citados buscando oferecer ao leitor uma maior dimensão e compreensão da história contada, a ligação com outros acontecimentos, a incorporação e a projeção do fato a uma humanização (ERBOLATO, 1979). Sendo assim Frazer Bond (apud ERBOLATO, 1984, p. 32),

...o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e suas perspectivas. Tudo isso com o propósito de ajudar o homem a compreender melhor o significado do que lê e ouve. (ERBOLATO, 1984, p.32)

Considerações finais

Analisar como a mulher criminosa é retratada na mídia é ver o reflexo de uma sociedade que possui inúmeras camadas de pré-conceitos e dogmas. Ao se deparar com uma que fuja dos padrões sociais impostos, existe uma constante necessidade de justificar o que ela fez, baseando-se em acontecimentos passados que, não necessariamente, têm ligação com o caso. Entendendo isso, é interessante perceber como o conceito de celebridade descrito por França (2019) e o de celebridade criminosa, tão bem explicado por Valim (2021) surge e transforma aquela criminosa numa figura pública. O interesse e a opinião do público vão sendo guiados conforme a imagem que a mídia vai construindo, e as doutrinas sociais vão se inflamando e ficando cada vez mais visíveis.

Para além disso, podemos adentrar em questões que transcendem o ser mulher, e adentram em como o racismo se mostra presente na representação de cada um desses crimes nos meios midiáticos. Elize e Suzane são protagonistas de dois dos maiores casos policiais do Brasil, e, sendo mulheres brancas com um padrão de vida elevado, esses casos ganharam ainda mais destaque nas manchetes e repercussão pública. Entender como crimes são representados pela mídia, os tópicos levantados, os meios narrativos escolhidos para contar aquela história e as formas de ilustrar o que está sendo contado é ter um parâmetro de como a sociedade funciona e se estrutura.

A escolha de contar a história de dois dos maiores casos de crimes cometidos por mulheres num livro-reportagem se dá pela liberdade que esse formato oferece, podendo dialogar com diversos gêneros que complementam e deixam a narrativa mais perspicaz - sem perder sua veia jornalística. Sendo assim, cada grande reportagem focará em uma protagonista, e a narrativa será desenvolvida por meio das manchetes de jornais das épocas dos crimes organizadas de forma cronológica, no intuito de mostrar a construção de cada personagem pela mídia.

Construir esse debate e poder ilustrar num produto jornalístico é uma forma de enfatizar a importância de ver que a Comunicação está intrínseca a assuntos que nem sempre são considerados na hora de construir uma matéria. Enquanto jornalistas, é importante entender que esses temas estão entrelaçados, e a Comunicação é um dos vieses para que eles possam ser unidos e transmitidos aos demais.

Referência Bibliográfica

Auler, E, Guimarães, A. C. **Nas 'bocas' uma vida nada cor-de-rosa**. O Globo. Editoria: Notícias. 28 de out. de 2007.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.

BARBOSA, M, PHELIPE, A. Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres. Estado de Minas. Editoria: Economia. 16 de fev. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml>. Acesso em: 10 de out. 2022.

BARBOSA, M.; PHELIPE, A. **Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml>. Acesso em: 3 nov. 2022.

BAUDRILLARD, J. (1995). **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro, Lisboa: Edições, 70.

BIBER, K. **Captive images: race, crime, photography**. Londres: outledge-Cavendish, 2007. E-book.

BOORSTIN, D. J. **From hero to celebrity: the human pseudo-event**. In: MARSHALL, P. D. (Ed.). *The celebrity culture reader*. New York: Routledge, 2006. p. 72-90.

BRAUDY, Leo. **The Dream of Acceptability**. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 181-187

BRAUDY, Leo. **The e Frenzy of Renown: Fame and Its History**. New York: Vintage Books, 1986.

BONUMÁ, T. **Suzane von Richthofen: como ela pôde acontecer?** Super Interessante, 25 de nov. 2016. Editoria: História. Disponível em:

<<https://super.abril.com.br/historia/suzane-von-richthofen-como-ela-pode/>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CARNEY, P. **Crime, punishment and the force of photographic spectacle**. In: HAYWARD, K. J.; PRESDEE, M. Framing crime: cultural criminology and the image. Nova York: Routledge, 2010. p. 17-35.

COIMBRA, **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

Departamento Penitenciário Nacional. **Aprisionamento Feminino: Período de Julho a Dezembro de 2021**. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMjY2M2UzMWMtZmJkOS00YjhlLWFMGEtZGVmODM4YTE0MjI3liwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>>. Acesso em: 20 set. 2022.

CAMARGO, G. **Barbárie em família - Extra Classe**. Extra Classe, 20 de dez. 2002. Editoria: Cultura. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/cultura/2002/12/barbarie-em-familia/>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

Elize era “loirinha carinhosa” em site de acompanhantes. Agora São Paulo. 13 de jun. 2012. Editoria: Nas Ruas. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/saopaulo/ult10103u1103904.shtml>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FAYET J., Ney. SANTOS, J. L. T. dos C., Zaffari. B. **Do profiling psicológico criminal na identificação de serial killers do gênero feminino**. Porto Alegre: Elegância Juris, 2018.

FINN, J. **Capturing the criminal image: from mug shot to surveillance society**. Mineápolis: University of Minnesota, 2009.

FONTCUBERTA, M. **A notícia: pistas para compreender o mundo**. Lisboa: Ed. Notícias, 1999.

FRANÇA, V. V. **Quére: dos modelos da comunicação**. Revista Fronteiras 2, no. 2, 2003, p. 49-155.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 10 ed. 2003.

GUIMARÃES, A. C. & Auler, E. **Mulheres e o tráfico: distante das famílias, mais de 600 cumprem pena nos presídios do Rio**. O Globo, Extra, 15 de dez. 2010. Editoria: Notícias. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/mulheres-o-traffic-distante-das-familias-mais-de>>

-600-cumprem-pena-nos-presidios-do-rio-717281.html>. Acesso em: 10 de jul. de 2022

HAYWARD, K. **Opening the lens: cultural criminology and the image**. Tradução Álvaro F. O. da Rocha; Tiago L. Cunha. Revista de Direito da Cidade, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 550-580, 2010.

HEINICH, Natalie. **Des valeurs: une approche sociologique**. Paris: Gallimard, 2017.

HUME, M.; WILDING, P. **Es que para ellos el deporte es matar: Rethinking the Scripts of Violent Men in El Salvador and Brazil**. In: AUYERO, J.; BOURGOIS, P.; SCHEPER-HUGHES, N. Violence at the Urban Margins. New York: Oxford University Press, 2015, p. 93-111.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>>. Acesso em: 10 out. de 2022.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

LANA, L., SIMÕES, P. G. **Duas vinculações possíveis entre personalidades e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública**. In: FRANÇA, Vera R.V.; OLIVEIRA, Luciana. **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 213-231.

MARGOLIS, S. **Fame**. San Francisco: San Francisco Book Company Inc., 1977.

MARSHALL, P. D. **Celebrity and power**. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1997.

MARWICK, A. **You May Know Me from YouTube: (Micro-)Celebrity in Social Media**. In: MARSHALL, P. D. e REDMOND, S. A Companion to Celebrit. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2015.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985

NORA, P. (1979). **O retorno do fato**. In J. Le Goff, & P. Nora, História: novos problemas (pp. 179-193). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

PAIVA, A. e RAMOS, S. **Mídia e violência: o desafio brasileiro na cobertura sobre violência, criminalidade e segurança pública**. Cadernos Adenauer, 2008.

PARK, R. E. **Race and Culture**. Glencoe: The Free Press, 1950, III.

PENFOLD-MOUNCE, R. **Celebrity culture and crime: the joy of transgression**. Londres: Palgrave MacMillan, 2009.

PIMENTEL, T. D. **Televisão, Internet e a Hipótese do Agendamento: É possível subverter a ordem midiática?** III Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania, Goiânia, 10 a 12 de novembro de 2009.

PINTO, M. **O problema do sensacionalismo**. 2004.

POSTMAN, N. (1999). **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafhia.

QUÉRÉ, L. **D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique**. Réseaux. Paris, nº 46/47, Mar-Abr 1991

QUEVEDO, J. V. **O monstro que há nela-breve análise biopsicossocial do perfil de assassinas em série do sexo feminino**. Anais do 9º Congresso Internacional de Ciências Criminais–Sistema Penal e Violência/XVIII Congresso Transdisciplinar de Ciências Criminais do ITEC-RS, 2008.

REYES, G. **Interstícios del Periodismo de Investigación**. Primera Epoca, vol. 1, ano 2. 1998.

SARLO, B. (1997). **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ.

ROCHA, P., XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, v. 7, n. 14, p. 138 - 157. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>>. Acessado em: 02 de nov. de 2022

RODRIGUES, A. D. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa, Vega, 1993.

ROJEK, C. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. THORNTON, Sarah. **Club cultures. Music, media and subcultural capital**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1996.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SBT Repórter. **Caso Yoki**, 2002. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uBcSZcu6U50&t=67s>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

SEM PARAR: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Gênero e Número e SOF, 2020. Editoria: Trabalho. Disponível em: <<https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>>. Acessado em: 07/2022

SHAW, E. **Agenda-Setting and Mass Communication Theory**, Gazette (International Journal for Mass Communication Studies), vol. 25, n.º 2, pp. 96-105.1979.

SIMAS, M., RODRIGUES, M. **Hediondo**. IstoÉ, 14 de nov. 2002. Editoria: Brasil. Disponível em: <https://istoe.com.br/21423_HEDIONDO/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

SIMÕES, P. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. 2012. 282 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SIMÕES, P., FRANÇA, V.. **Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea**. Compós, v.23, p. 1-25. 2019.

SOIHET, R. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**, in: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> Acessado em: 2 nov. 2022.

SUSIN, I. V. **Fotografia de bandidos: o enquadramento da celebridade criminosa**. Rumores, n.31, vol. 16. 2022

SWALES, J. M. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Nova York: Cambridge University Press, 1990.

Universitária confessa que planejou a morte dos pais. Diário do Nordeste, 9 de nov. de 2022. Editoria: Segurança. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/universitaria-confessa-que-planejou-a-morte-dos-pais-1.289782>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
8

VAMOS falar sobre masculinidade? Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Núcleo Especializado da Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher, Escola da Defensoria Pública do Estado. São Paulo: EDEPE: Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. 1º ed. 2016. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/57298901/vamos-falar-sobre-masculinidade>>. Acesso em: 2 de nov. 2022

VIÚVA de Matsunaga era ex-garota de programa. Cidade Verde.com: O Piauí conectado 24h 8 de jun. de 2012. Editoria: Últimas. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/104575/viuva-de-matsunaga-era-ex-garota-de-programa>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

WOLFE, T. **The New Journalism**. Londres, Picador, 1975.